

APRESENTAÇÃO

O catolicismo português desenvolveu-se no curso da história numa teia de relações que ultrapassaram as fronteiras do território continental português, tanto na vinculação à sede romana e na abertura a outros influxos reciprocamente estabelecidos em contexto europeu, como também graças às dinâmicas de evangelização decorrentes da expansão portuguesa, em regime de padroado, a partir da época moderna, designadamente em África, na Ásia e no Brasil. A universalidade que sempre marcou a fé católica concretizou-se numa pluralidade de geografias e culturas, também pela intervenção portuguesa, numa modulação recíproca dos agentes pastorais, das instituições eclesiais e das sensibilidades religiosas.

Procurando transformar em oportunidade os constrangimentos proporcionados pela pandemia por COVID-19, que compeliram a migrar as atividades para o ambiente digital, o Centro de Estudos de História Religiosa entendeu dedicar o ciclo do Seminário de História Religiosa 2021, organizado a partir do Porto, a este quadro alargado do catolicismo português, estudando temáticas de geografias e cronologias diversas que se filiam no tema geral «O catolicismo português em diáspora: agentes, instituições e sensibilidades religiosas». Dentro deste cenário, decorreu um programa com 12 intervenções, recolhendo o presente livro uma parte delas.

A primeira conferência pertenceu a Francesco Renzi que abordou a multifacetada personagem do monge e clérigo Maurício, dito “Burdino”, que, nos finais do século XI, ascendeu ao episcopado, primeiro em Coimbra e depois em Braga, e, por fim, alcançou mesmo a cátedra de Pedro, enquanto “antipapa”. O longo caminho percorrido pelo prelado, copiosamente documentado em fontes jurídicas e narrativas, permitiu avaliar muitas das grandes questões que tocavam, por essa altura, não só a afirmação do papado romano, como também as relações que este pretendia estabelecer com as Igrejas locais. Apesar de ter exercido o seu múnus episcopal no noroeste hispânico, bem distante dos grandes centros políticos e eclesiásticos europeus, Maurício nem por isso deixou de viver intensamente e intervir no complexo cenário de relações político-eclesiásticas que modelavam a

construção de uma cristandade latina verdadeiramente romana. Quase poderíamos dizer estar perante um caso de estudo, de tal forma a observação do percurso desta invulgar personagem nos permite aceder ao grande cenário europeu. Para além das circunstâncias que marcaram o seu pontificado, especialmente em Braga e, muito em particular, no relacionamento com a Igreja compostelana, merece destaque a sua carreira romana e a forma como soube relacionar-se tanto com o Império como com o clero de Roma. Talvez mais surpreendente ainda sejam as assinaláveis repercussões que o seu caso e a sua deposição tiveram ao longo dos dois séculos seguintes. De alguma forma, como o autor deixou bem claro, podemos assumir que o exemplo de Maurício “Burdino” acabou por transformá-lo numa espécie de antipapa por antonomásia, imagem esta abundantemente glosada depois do seu afastamento.

Apesar de ter sido a última intervenção do ciclo, a verdade é que a conferência de Enrico Veneziani representou não apenas num excelente epílogo, mas também uma quase continuação do estudo antes referido. Movendo-se igualmente no cenário das relações entre a cúria romana e as instituições políticas e eclesiásticas hispânicas, o autor aprofundou, especificamente para o caso do reino de Portugal, aquela que é uma das linhas mais atuais da investigação histórica desta cronologia e temática. Ou seja, tentar compreender quanto a construção da supremacia romana se fez também muito graças aos emergentes poderes monárquicos que despontavam nas periferias europeias, tanto no leste como na zona mais ocidental. A este título, o caso português é algo paradigmático, atendendo a que o reconhecimento eclesiástico do título régio de D. Afonso Henriques acabou por constituir-se na conclusão do processo de afirmação e legitimação da realeza do primeiro monarca. Ficou manifesto, graças a uma detalhada e muito atenta análise dos diplomas papais, quanto a linguagem e a técnica da construção dos documentos tinham evoluído desde as primeiras solicitações portuguesas junto de Roma, na década de 40 do século XII, e o momento da outorga da celebrada bula *Manifestis probatum* pelo papa Alexandre III, em 1179. Este documento mereceu especial atenção, ficando evidente a complexidade da sua elaboração e o carácter extraordinariamente meticuloso do uso de determinados vocábulos, reveladores de uma invulgar agilidade de natureza político-diplomática, por parte dos oficiais papais.

Para outro tempo e outra geografia nos conduz o texto de Cristina Osswald, desta feita centrados no Japão dos finais do século XVI e no complexo e doloroso percurso da cristianização da sociedade nipónica. Partindo do martírio coletivo de vários sacerdotes e catequistas europeus e japoneses, ocorrido em 5 de fevereiro de 1597, na colina de Nishizaka, em Nagasaki, a autora explorou algumas das dimensões que pautaram a evangelização da grande ilha no decurso do denominado Século Cristão. De facto, as sementes lançadas por Francisco Xavier, apesar de terem encontrado solo fértil, promoveram também muita dúvida, discussão e

mesmo conflito, grandemente potenciados pelas enormes diferenças de natureza cultural e de sensibilidade religiosa. Acrescem ainda as circunstâncias específicas da construção do Japão moderno, muito marcadas por uma endêmica violência política e militar. Não admira, portanto, que um processo assinalado por grande opressão e por uma religiosidade especialmente sincrética tenha acabado por desenvolver uma viva memória não apenas no interior da Igreja, mas também na própria sociedade japonesa até à contemporaneidade. Assim como Roma soube reconhecer o glorioso martírio de muitos dos primeiros cristãos nipônicos, também o Japão soube recordar, nos dramáticos momentos que envolveram o bombardeamento atômico de Nagasaki em 1945, esse angustiante passado de sofrimento e perseverança.

Partindo do texto *Vida da Sanctissima Virgem Maria May de Deos, e Senhora nossa*, da autoria do jesuíta António Fernandes, publicado em Goa em 1652, Leonardo Cohen Shabot e Janine Ayala Melo permitem-nos adentrar nos esforços de romanização do cristianismo etíope não calcedoniano, conduzidos a partir do século XVI por clérigos sob o padroado português. Através da escrita do referido jesuíta, que acompanhou o também jesuíta Afonso Mendes, patriarca católico da Etiópia, aquando do seu exílio em Goa, a partir de 1632, e que muito deve ter colhido desta experiência, somos introduzidos no vasto leque de questões que opunham duas perceções, por vezes distantes, do cristianismo. Aos problemas relacionados com o estado de vida dos clérigos, em relação aos quais as divergências são manifestas, também se evidenciam as particularidades da devoção mariana que, contrariamente ao que se podia esperar, constituíram-se em matéria de enfrentamento entre o cristianismo romano e o etíope. Por último, como referem os autores, importa sublinhar quanto o texto se transformou numa oportunidade de disciplinamento dos costumes e de esclarecimento sobre a “verdadeira fé”. Em suma, um texto com claras intenções pedagógicas e apologéticas.

Desafios diferentes, mas ainda no contexto imperial do período moderno, emergem no estudo de Ediana Ferreira Mendes. Em torno da construção da malha diocesana do Brasil colonial, mais exatamente dos bispados de Olinda, Rio de Janeiro e Baía, a autora analisou planos sucessivos dessa imensa construção eclesiástica. Desde o recrutamento e formação dos prelados, até aspetos específicos do seu governo, tomámos conhecimento da complexidade de problemas como as relações com a autoridade régia e a efetiva implantação num território ainda muito desconhecido, com evidentes problemas de circulação e comunicação. Acrescia a tudo isto, naturalmente, a necessidade premente de criar pontos de apoio à organização eclesiástica do espaço e respetiva integração das comunidades. Seja como for, fica bem claro quanto o processo de levantamento de uma Igreja à escala do Brasil contribuiu decisivamente para a configuração da sociedade brasileira.

Com a contemporaneidade africana encerrámos o presente volume graças ao texto de Luís Leal sobre a implantação da Obra da Rua em Angola e Moçambique nos anos 60 do século XX. A primeira coisa que se impõe dizer sobre esta abordagem é que a mesma nos permite observar, através de uma objetiva pouco frequentada, o decisivo período que marcou o fim do “Império português” e o início da independência daqueles dois vastos e antigos espaços coloniais. Sob a égide do celebrado P. Américo Monteiro de Aguiar, personagem decisiva na intervenção social da Igreja no Portugal contemporâneo, designadamente no âmbito da infância e da juventude marginalizadas, foram erigidas em Angola e Moçambique, já depois da sua morte, três casas que conjugam a adaptação às realidades locais com a matriz desenvolvida na “metrópole” de então. Sobressai neste texto o louvável esforço do autor no sentido de encetar a ordenação e concatenação dos factos que envolveram a instalação dos primeiros padres e seus colaboradores. Tomámos assim conhecimento dos diversificados problemas do dia a dia, resultantes da preparação dos terrenos, da construção dos edifícios, da aquisição dos equipamentos básicos e da seleção dos primeiros gaiatos a acolher. Especial referência merece ainda o relacionamento que cedo as casas estabeleceram com as sociedades locais, tanto de origem europeia como autóctone, sem esquecermos o pano de fundo de uma guerra que lentamente se ia expandindo e ritmando o quotidiano das pessoas, enquanto consumia vidas e recursos.

O catolicismo português em diáspora constituiu, desta forma e através de estudos diversificados, a oportunidade para uma revisitação da história de Portugal em contexto, privilegiando tempos, espaços e perspectivas que em muito ultrapassaram o território continental português, sublinhando a dimensão global que a referida história cedo assumiu.

*Adélio Fernando Abreu**
*Luís Carlos Amaral***

* Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal.

** Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Faculdade de Letras, Universidade do Porto; Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal.